

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Prova falsa

Quem teve a idéia foi o padrinho da caçula — êle me conta. Trouxe o cachorro de presente e logo a família inteira se apaixonou pelo bicho. Êle até que não é contra isso de se ter um animalzinho em casa, desde que seja obediente e com um mínimo de educação.

— Mas o cachorro era um chato — desabafou.

Dêsses cachorrinhos de raça, cheios de nhém-nhém, que comem comidinha especial, precisavam de muitos cuidados, enfim, um chato de galochas. E, como se isto não bastasse, implicava com o dono da casa.

— Vivia de rabo abanando para todo mundo, mas quando eu entrava em casa vinha logo com aquêlatido fininho e antipático, de cachorro de francesa.

Ainda por cima era puxa-saco. Lembrava certos políticos da oposição, que espinam o ministro, mas, quando estão com o ministro, ficam mais por baixo que tapête de porão. Quando cruzavam num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado rosnava ameaçador, mas quando a patroa estava perto abanava o rabinho, fingindo-se seu amigo.

— Quando eu reclamava, dizendo que o cachorro era um cínico, minha mulher brigava comigo, dizendo que nunca houve cachorro fingido e eu é que implicava com o *pobrezinho*.

Num rápido balanço poderia assinalar: o cachorro comeu oito meias suas, roeu a manga de um paletó de casimira inglesa, rasgou diversos livros, não podia ver um pé de sapato que arrastava para lugares incríveis. A vida lá em sua casa estava se tornando insuportável. Estava vendo a hora em que

se desquitava por causa daquele bicho cretino. Tentou mandá-lo embora umas vinte vezes e era uma choradeira das crianças e uma espinafração da mulher.

— Você é um desalmado — disse ela, uma vez.

Venceu a guerra fria com o cachorro graças à má educação do adversário. O cãozinho começou a fazer pipi onde não devia. Várias vezes exemplado, prosseguiu no feio vício. Fêz diversas vezes no tapête da sala. Fêz duas na boneca da filha maior. Quatro ou cinco vezes fêz nos brinquedos da caçula. E tudo culminou com o pipi que fêz em cima do vestido nôvo de sua mulher.

— Aí mandaram o cachorro embora? — perguntei.

— Mandaram. Mas eu fiz questão de dá-lo de presente a um amigo que adora cachorros. Êle está levando um vidão em sua nova residência.

— Ué... mas você não o detestava? Como é que ainda arranjou essa sopa pra êle?

— Problema de consciência — explicou: — O pipi não era dêle.

E suspirou cheio de remorso.

O leitor inteligente

O leitor inteligente já percebeu que a história acima não foi escrita por mim. O estilo está muito à vontade, muito carioca; nós, do interior, somos mais acanhados para escrever. Trata-se, na verdade, de uma página do último, recentíssimo livro *Garoto Linha Dura*, de Stanislaw Ponte Preta, filho quarentão desta Cidade quatrocentona; na vida civil Sérgio Pôrto, conhecido em Soho, Londres, por *Mr. Oporto*.